

ILHA & POEMA: A CELEBRAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO NA POESIA DE CORSINO FORTES

Virgínia Boechat

E diz a ilha a cada letra do alfabeto que chove
Do olho da arte nasce o oásis do artesanato
Corsino Fortes, *Árvore & tambor*

Resumo

Este artigo propõe-se a apontar elementos e escolhas relevantes na poesia de Corsino Fortes. Nesse intuito, busca demonstrar algumas fundamentais diferenças entre o conceito tradicional de identidade caboverdiana e a proposta de Corsino Fortes de um novo país.

Palavras-chave: Corsino Fortes; Poesia caboverdiana; Insularidade.

Abstract

This essay aims at pointing relevant elements and choices at Corsino Fortes' poetry. Therefore, It intends to demonstrate some differences between traditional meanings of the caboverdean identity concept and Corsino Fortes' proposal to a new caboverdean country.

Keywords: Corsino Fortes; Caboverdean poetry; Insularity.

Voltar a visitar a poesia de Corsino Fortes é uma tarefa intensa e muito gratificante. É o que me proporciona voltar também a trabalhar neste estudo, cuja base foi apresentada no ano de 2000, no Seminário Luso-Afro-Brasileiro, a convite da Cátedra Jorge de Sena da UFRJ, nos meus últimos meses de aluna naquela instituição.¹ Aquele texto inicial, tendo sido, por algum tempo, disponibilizado em um site, já não se encontra mais acessível ao público. Assim, mantendo a linguagem e muitas das informações trazidas naquele novembro, no evento, acrescento aqui

¹Em relação àquela composição inicial, não posso deixar de agradecer à professora Simone Caputo Gomes, quenaquele ano visitava a UFRJ e me forneceu indicações e material variado.

dados e comentários que, passados tantos anos, mostraram-se necessários, e o trago finalmente em forma de artigo à publicação em um periódico.

Já é fato notório que Corsino Fortes traz em sua obra uma realização poética que pode ser considerada inovadora e de um valor singular para a trajetória cultural de Cabo Verde. Seus livros publicados, *Pão & fonema* (1974), *Árvore & tambor* (1986) e *Pedras de sol & substância* (2001), são integrantes de uma trilogia intitulada *A cabeça calva de Deus*, que foi publicada em Portugal em 2001, pela editora Dom Quixote, e no Brasil em 2011, pela Escrituras Editora. Nesse conjunto, a consciência acerca da realidade e da identidade de seu país encontra-se expressa dentro de uma proposta temática e formal bastante inusitada, de maneira que torna seu texto poético uma representativa e reconhecida ruptura com paradigmas literários portugueses, assim como uma revolução em relação aos próprios paradigmas literários e culturais caboverdianos, despontando como um novo entendimento da própria tradição cultural do arquipélago.

Sua poética, como aponta Carmen Lucia Tindó Secco, "representou um grande salto para uma linguagem verdadeiramente comprometida com o universo ilhéu" (Secco, 1999, p. 17). Vemos, em seus versos, colocado em xeque o problema da insularidade, essa reconhecida marca da tradição poética caboverdiana, que, como afirma Dina Salústio em "Insularidade na literatura cabo-verdiana", "origina, por reacção, uma das facetas mais marcantes do isleno, a evasão" (Salústio, 1998, p. 36). Dessa maneira, abalam-se esses traços culturais, insularidade e evasão, que vinham se fazendo presentes nos textos poéticos quase como temática constante, desdobradas em angústia, sufocamento, sonho, solidão, ambivalência em relação à ilha e também ao mar. A essas tendências aliavam-se ainda as incertezas causadas pela falta de chuvas, na quase irremediável paisagem árida, e suas conseqüências, como a fome, a pobreza e a emigração.

No texto poético de Corsino Fortes, esses posicionamentos são absolutamente revistos. A sua consciência poética não é mais caracterizada por lamentar uma existência que se entende como ilhada, cuja marca maior está em um

"querer bipartido" do homem ilhéu, como na poesia de Pedro Corsino de Azevedo. Seus versos não trazem a ânsia de fuga para o mundo sonhado e desejado como os de Antônio Pedro da Costa. Ali não se encena o "drama do mar" de "querer partir/ e ter que ficar", de Jorge Barbosa, que vê um mar "que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos" (Secco, *op. cit.*, p. 40-42).² A ilha e o conjunto de ilhas que surgem na poesia de Corsino Fortes tampouco constituem-se como aquele "mundo pequeno para quem ficou...", como revelado no poema "Cais", de Manuel Lopes (p. 48); nem seu arquipélago deve ser de "ilhas perdidas/ no meio do mar,/ esquecidas/ num canto do mundo", como para Jorge Barbosa (p. 41). A mesma ilha perdida que aprisiona o homem limitada pelo mar e decadente Aguinaldo Fonseca retrata em "Herança", nos versos "eu também estou encarcerado/ neste navio fantasma/ eternamente encalhado/ entre mar e céu" (p. 58).

A proposta trazida pela poesia de Corsino, ao contrário, nega o caminho da evasão, do ilhéu bipartido, de sofrimento, angústia, sufocamento; nega a continuidade da fome e da seca. Coloca a importância da valorização do país, do renascimento e da reconstrução, do trabalho, da produção de alimento, da força e da esperança no homem islenho. Em seu texto está "no ovo da ilha/ o povo que se renova", resistindo num deserto "até onde termina a erosão/ do teu útero! ilha" e "até onde termina a erosão do teu ventre! filha". Seu "arquipélago/ cresceu no ventre de tantas fêmeas" (Fortes, 1986, p. 25-26). O poeta fala "da solidão não só... mas solidária" (p. 38), porque também suas ilhas são, então, *arquipélago*, conjunto, soma, coletivo, que, como pediu Ovídio Martins em "Unidos venceremos", enfim estenderam as mãos por sobre o mar (Secco, 1999, p. 68). O pedido de "Um poema diferente", de Onésimo Silveira, parece enfim atendido (Secco, 1999, p. 73).

Ana Mafalda Leite, em seu prefácio para *Árvore & tambor*, segundo volume de poemas de Corsino, aponta a reinvenção de Cabo Verde que esse livro representa. Uma criação que, inclusive, já se encontrava em "gestação" em *Pão & fonema*,

²Os poemas aqui citados, excetuando-se os de Corsino Fortes, foram retirados desta edição.

sendo, nesse segundo livro, a "terra prometida" de outrora, um país regenerado em poema, reformulado a partir de um ponto inicial:

O título *Árvore & tambor* retoma então a proposta de *Pão & fonema*, alargando-a. Do resquicial fonema que reclamava a liberdade de ser palavra e voz, advém o tambor, som pleno, que pela sua tradição africana impõe uma nova linguagem de identidade com África, de ritmo de festa e de solidariedade (...). *Árvore* retoma por sua vez o 'Pão'; trata-se de concretizar o acto pela acção: plantar, construir, renovar o corpo, o espírito, a palavra, a terra, a nação (...) (Leite, introd a Fortes, 1986, p.11-12).

A poesia de *Árvore & tambor*, portanto, mais do que o retrato de uma reconstrução que se processa na realidade de Cabo Verde, é a própria recriação de um arquipélago que celebra o nascimento e nasce em celebração "depois da hora zero E da mensagem povo no tambor/ da ilha" (Fortes, 2010, p. 91), versos que aparecem logo no segundo poema, "De boca concêntrica na roda do sol". Esse texto poético coloca conscientemente em primeiro plano aquela que é a suma condição laboratorial da arte.

Essa poesia propõe, assim, tal novo arquipélago, remontado *no e pelo* texto, a que Ana Mafalda Leite chamou de "o cosmos redondo", pela importância simbólica das formas arredondadas e a "circularidade do universo que se constrói", um espaço que "ao tomar a sua dinâmica própria, ganha a forma esférica de um cosmos" (Leite, in Fortes, 1986, p. 11). A estrutura do livro *Árvore & tambor* também se monta de maneira circular, fazendo com que, nessa formulação, o texto seja tanto um espaço para a criação do novo arquipélago, como a própria celebração de tal criação. As formas arredondadas estabelecem entre si ligações que tornam análogas suas funções e imagens no texto, muitas vezes tornando tais formas unívocas. A ilha é redonda e é "a cabeça calva de Deus", redonda como o mundo, rosto, crânio, semente, gota; como olho, boca, ovo e gema, útero ou ventre grávido, umbigo, vulcão e tambor. Arredondadas também são as letras "D" e "Q", que, no texto, aparecem quase sempre em maiúsculas no início das palavras.

Dina Salústio aponta ainda como uma conseqüência da insularidade a "necessidade de explorar até a exaustão o realismo do cenário" (Salústio, 1998, p. 34). Corsino Fortes, no entanto, se utiliza não de relatar uma paisagem de isolamento até seu limite, mas de construir uma realidade em que explora os nomes que representam os motivos da terra e da caboverdianidade como matéria-prima que renova seu arquipélago; trata-se de construir o máximo, e infinitamente, mas com o mínimo. A cabra, por exemplo, em sua poética, representa o resistir sob duras condições e atravessa vários versos. A recorrência e a substituição de elementos representativos da identidade caboverdiana, em diferentes combinações e imagens, estabelecem nesse cosmos um estreito elo entre estes.

Ana Mafalda Leite afirma que "é o uso de um mesmo nome em diversos contextos, nunca por repetição, mas por recorrência, que por sua vez leva à criação de uma ordem metafórica de equivalência. (...) Estes núcleos semânticos (...) tendem a misturar-se, a entrelaçar-se em variadíssimas combinações (...) baseadas num condensado grupo de nomes de forte carga simbólica" (Leite, in Fortes, 1986, p. 12). Nessa mistura, a ilha e o arquipélago às vezes têm boca, rosto, ombros, ventre; têm um corpo em constante metamorfose. A ilha pode ser homem na solidão cheia de solidariedade e mulher em sua gravidez, como pode nascer em oásis na mão das crianças para ser plantada na boca do sol. O homem pode ter no corpo pedra e na pele, a terra; uma praça pode ser um rosto de chão. As possibilidades das imagens também se renovam constantemente no texto. No espaço desse cosmos toda imagem é fluida, como a *seiva* e o *sangue* a que se referem os versos de maneira recorrente. Ocorre o que pode ser definido como uma constante 'transfusão' entre as imagens formadas, por sua vez, pela fusão de elementos. Também seriam as imagens filhas mestiças das 'coisas da ilha' e em contínuo nascimento?

A idéia da fusão, na poesia de Corsino Fortes, e a da aliança proposta, inclusive, muitas vezes pela forma "&" ou pelo "E" maiúsculo, são mais constantes ali encontradas. A mesma 'transfusão' se faz entre partes das palavras, através da

aliteração ou do eco, por exemplo. Nesse cosmos, qualquer dimensão espacial também é fluida e se torna relativa no esforço pela renovação. A celebração do novo arquipélago, em *Árvore & tambor*, atinge um grau de plenitude no "Canto Segundo", sob o título de "Hoje chovia a chuva que não chove" (Fortes, 2010, p. 111-122). Eis que se mostra o próprio florescimento, a frutificação pela chuva; é todo um espaço em deleite por seu próprio renascimento. Ana Mafalda Leite aponta que "não pára de chover no poema, o alfabeto inteiro chove de "a" a "z" (Leite, in Fortes, 1986, p. 14). A gota ganha a dimensão de um cosmos, "Se baleias emergem da gota do teu rosto" (Fortes, 2010, p. 113), cosmos que, em gravidez, gerará o nascimento da ilha. E se uma simples gota é um espaço habitável, a ilha, então, é imensa:

a)

(...)

Não há boca Que não chova a sua gota de corpo & alma
Nem gota
De água doce Que não seja
Um espaço para amar & habitar (p. 112)

No laboratório do texto, a água é o elemento que vai provocar uma intensa alquimia, transformando todo o resto para reerguer o arquipélago. Então, nos versos do poeta, como cabras, "as ilhas soerguem-se/ pelo arquipélago das patas" (p. 112), mostrando sua resistência: "E de pé! o arquipélago ganha vela/ porto & terra/ De árvores com hélices nas raízes" (p. 117), como na letra "n". São as ilhas que se erguem pela chuva do texto, na letra "f": "E chove do `r' `s' da erosão/ Que devolve/ O milho ao marulho E o mar ao milheiral" (p. 114).

A ilha construída pela poesia de Corsino Fortes, portanto, não sendo mais o espaço para a seca e a fome, relata seu renascimento "sobre o velho rosto que

floresce! (...) (p. 118)", negando o antigo "drama do 'se' na boca da sementeira" (p. 115). E se "a chuva que fala & canta/ numa caneca de folha" (p. 119) cair na dimensão do arquipélago, as ilhas então serão também um grande espaço para dança, canto e amor, numa festa de viola, funaná e cópula, que gerará a criança a quem o poeta empresta voz para que diga: "Sou a semente/ Por onde sonha/ A cabeça do arquipélago" (p. 120). Na geração desse universo novo, o espaço insular passa a ser o lugar em que brota a fartura. A resistência, representada pela cabra, se une à volta desse importante elemento que é a água, e monta um mundo sem lugar para a miséria ou a fome, já que a ilha pode dar leite na dimensão da Via Láctea:

No rosto oblongo da gota
As ilhas são cabras
as cabras são ilhas
com úberes na Via Láctea (p.116)

O poema reinventa o arquipélago em sintonia com um contexto que é também de renovação do país, de redescoberta dos valores e de formação de uma consciência maior da caboverdianidade. A referência ao cometa Halley deixa em seus versos a marca datada, ao final do século XX, do momento de renascer desse novo cosmos, metaforizado numa *manhã plena*:

y)
Por vezes é Domingo E sentamos
Na pedra da manhã plena
A nordeste! o cometa Halley nos acena
Como nação que se festeja
(...) (p. 121)

Através de uma poética que alia o trabalho estético ao compromisso social, Corsino Fortes propõe-se a entregar ao povo uma nova cartografia insular, de inúmeras possibilidades, provando que há, sim, a capacidade de transformação da

realidade do arquipélago, mesmo com o mínimo de recursos ou com a escassez de vocábulos, porque estes, potencializados simbolicamente, ganham uma avassaladora força identitária e criativa. Mas, assim como na linguagem, o trabalho de reconstrução de Cabo Verde também é contínuo, não começa em "a" para terminar em "z". Portanto, para além do elaborado trabalho com a linguagem, importam seus efeitos dentro de um longo proceso de conscientização do caboverdiano e de afirmação dessa cultura nacional no exterior. Eis um apelo que almeja chegar a todas as dimensões da pátria caboverdiana, desfazê-las como limites e limitações, e mostrar que no fim de cada dia "(...) as enxadas dormiram Na veia cava dos homens" (p.122), preparando o trabalho de cada dia seguinte.

Virgínia Boechat é professora temporária da área de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul. É doutora em Literatura Portuguesa pela USP e poeta.

Referências Bibliográficas

- FORTES, Corsino. *Árvore & tambor*. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro; Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- _____. *A cabeça calva de Deus*. Org. e Prefácio de Floriano Martins. São Paulo: Escrituras, 2010.
- LEITE, Ana Mafalda. "Árvore & tambor ou a reinvenção da terra cabo-verdiana". In: FORTES, Corsino. *Árvore & tambor*. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro; Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- SALÚSTIO, Dina. "Insularidade na literatura cabo-verdiana". In: VEIGA, Manuel (coordenador). Cabo Verde: insularidade e literatura. Paris: Karthala, 1998.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro (coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Volume II: Cabo Verde. Rio de Janeiro: Fac. de Letras UFRJ, 1999.